REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India....	5$000	2$500	-$-	-$-

31.º Anno — XXXI Volume — N.º 1073

20 de Outubro de 1908

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial

Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Consultou-se o oraculo e o oraculo faliu!

Nos ultimos dias da semana o tempo emborrascou-se; cahiram algumas chuvas que alagaram a terra, e a lama reverdeceu em Lisboa, onde esteve incubada todo o verão. Ceu sorumbatico substituiu o sol risonho; pelo espaço acumularam-se nuvens negras prometendo mais chuvas abundantes, e tudo isto assustou, e com razão, os dirigentes da festa escolar preparada para domingo 18, no jardim Zoologico, instalado na celebre quinta das Larangeiras.

Um pavilhão armado para receber El-Rei, onde assistiria á festa das creanças e lhes entregaria as bandeiras; tribunas para convidados, terraplanagens, decorações de Augusto Pina, bandeiras multicôres flutuando em grandes mastros, tudo a postos para a festa dirigida pelo inspetor sr. Antonio Waddington, e o ceu velho lá por cima a meter medo.

Como felizmente, porém, a ciencia e os *saragoçanos* lêem nos astros como em livro aberto, foi no sabado consultar-se o Observatorio do Infante D. Luiz ácerca do tempo provavel que faria no domingo. A resposta «nada satisfatoria» produziu o effeito de um balde de agua despejado ao fio das costas do sr. Waddington, que se apressou a communical-a ao sr. presidente do conselho e ministro do reino.

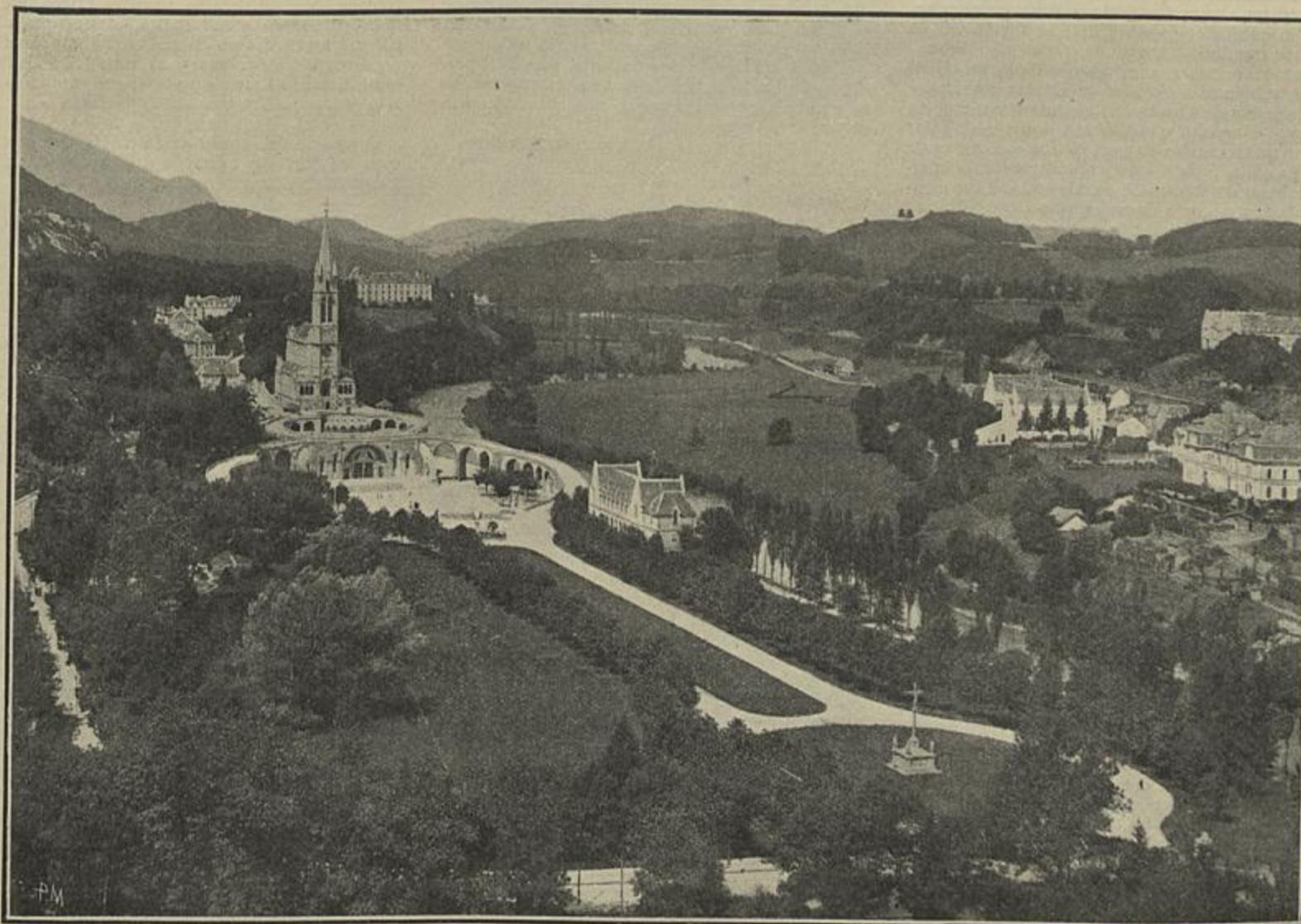
Não sei se o experimentado almirante, que tanta vez terá lido nos astros as tempestades que se aproximam, interrogou agora o cariz do ceu, mas, provavelmente, como estava em terra firme, não se preocupou com o caso, e se a estancia oficial competente dava borrasca, que borrascasse á sua vontade, transferindo a festa escolar para quando o tempo o permitir.

O tempo, porém, apesar de masculo, tem muitas vezes caprichos como qualquer menina esterica, romantica, e em logar de cumprir o que prometera na vespera com toda a sua má cara, apareceu no domingo de barba feita e faces lavadas, que ninguem o conhecia, todo a sorrir-se maliciosamente da peça que tinha pregado ao oraculo.

O oraculo faliu!

Entretanto a festa estava transferida *sine die*, exactamente como a ultima ditadura fechou o parlamento e adiou as eleições á espera do... calor, que afinal sempre lhe chegou.

Agora não se espera o calor neste deslisar do outono, mas simplesmente umas restiasinhas de

De Lisboa a Bordeaux, Pyreneus e Lourdes

LOURDES — BASILICA, EGREJA E VISTA DAS MONTANHAS

(De fotografia)

sol, que permitam ao bom ar livre ouvir o orfeon das creanças cantar o *Balancé da neve pura*, que já corre a fama executam a primôr, demonstrando assim que, pelo menos, no canto fazem sonorosos progressos.

Eu não sei bem que mais preocupa a instrução nacional, se o estudo das letras, das ciencias, das artes e oficios, se o estudo dos exercicios fisicos ou do *sport*, como lhe chamam.

O que vejo é maior alvoroço, por um rapaz dar saltos á vara á altura de um metro, puchar com arreganho pela espia dum cabo, correr como uma lébre ou fazer o braço de ferro na barra fixa, do que dizer-nos se dois e dois são quatro ou se Portugal está na Europa ou nos antipodas.

Não sei até se os meninos depois de terem ficado reprovados nos exames de julho e de pedirem para os repetir em outubro, com o mesmo resultado, pretendendo, apesar disso, passar ás disciplinas do anno immediato, terão dado muito boas provas de *sport*, e neste caso seria de toda a equidade levar-lhes em conta essas provas, o que afinal era acto todo de justiça, em presença da judiciosa reforma de ensino, que as equiparou ás mais disciplinas para os efeitos dos exames.

Era uma equivalente tão rasoavel como aquella, que Gervasio Lobato encontrou para o seu *Comissario de Policia*, de á falta de testemunhas oculares arranjar testemunhas oculistas.

E' evidente que os exercicios de *sport* estão na indole deste bom povo que se péla por mostrar a sua agilidade e forças, provado atravez dos tempos pela resistencia com que tem carregado com todas as albardas que lhe tem posto.

Nestas boas disposições o país tem feito rapidos progressos, não para ser precisamente um povo de acrobatas, mas de atletas á *ju-jutsu* ha pouco importado do Japão, como se importam ventarolas ou papel de arroz, desde que Raku veio exhibir as suas provas no Coliseu dos Recreios.

A luta tomou desde então proporções de um espectaculo desputado a sôcos e apertões. Vieram atletas de toda a parte e o publico quasi que os adorou em dilirio, elles e ellas que todos se enlevaram com a belesa daquelles musculos atleticos ao natural, sem *maillot*, em pellota, escorrendo suor, um apetite.

Mas ainda a luta não se tinha bem generalisado em Lisboa, não obstante o rapazio por essas ruas tentar alguns lances de *ju-jutsu*, eis que chega um professor japonês, que se não cahiu do ceu aos trambulhões, veio de correr mundo, e assenta aqui arraiaes com todos os diplomas que o acompanham das escolas de Bujitsu-densukai e Nóngákukó de Osaka. Este professor niponico, Imagiro Hayashi, que não tem conseguido falar quatro palavras das linguas da Europa por onde tem passado, para se fazer entender, é não obstanum talento de *ju-jutsu*, e para mostrar a sua ciencia abriu um curso deste jogo no Centro Nacional de Esgrima, onde tem cahido a mocidade esperançosa a aprender a jogar o sôco em fralda de camisa com opimos resultados e algumas constipações.

Ora Lisboa já estava muito bem provida de fadistas e de alguns capoeiras importados do Brasil, mas vae ficar mais rica em breve com uns lestos cidadãos que, com toda a destrêsa atirem um bom par de sôcos ao primeiro transeunte que se lhe atrevesse no caminho.

Facadas atiram-se por ahi ás tripas do proximo com desusada abundancia, e em verdade entre uma facada e um sôco, é preferivel este ultimo, além de ser um tanto mais civilisado.

Já as folhas diarias não teriam de fazer os reclamos dos crimes sensacionaes, que todos os dias enchem as suas columnas, como uma propaganda util, proveitosa e sugestiva.

Alguns ainda precedem esses reclamos com conselhos paternaes de lagrima ao canto do olho, mas a necessidade de educar o publico impõe-se, e lá vae a noticia do crime inaudito para satisfazer a curiosidade doentia dos leitores, que assim dão os seus dez réis por bem empregados.

Os romances tragicos de adulterios, de ladrões astuciosos, de paixões criminosas, de vicios, como acepipe nos folhetins, eram já uma sugestão para os tarados e meninas romanticas, mas a discrição minuciosa dos crimes, com os retratos das vitimas e dos criminosos, é uma escola movel, que vae por todas as ruas e praças, que entra em todas as casas, que vae apregoando o crime com todos os seus reclamos, como se apregôam os vigorisadores elétricos ou as pilulas Pink.

As cenas de sangue sucedem-se como se sucedem os dias, mas as trombetas não se calam e os prelos gemem tanto como as vitimas, para darem ao mundo o grande ensinamento que essas tragedias praticamente ministram.

Houve um acôrdo, uma ou outra vez quebrado, para não dar noticias circunstanciadas dos suicidios, e os suicidios deixaram de comover diariamente os leitores dos jornaes. Porque não se faz tambem um acôrdo para não dar noticias dos outros crimes?

Talvez se objéte que não teriam então os jornaes que lêr; e talvez tenham razão.

A' falta de fazer reclamo nesta chronica ao *Pau Preto*, ao sapateiro Simplicio e a todos os facinoras mais ou menos precoces e mais ou menos avinhados, que se vão revelando a cada hora e em cada dia, procuremos coisa mais saudavel para o espirito e recreativa para os olhos, que a arte e a paciencia de um benemerito floricultor, sr. Cayeux, apresentou, nos ultimos dias, á apreciação do publico, no Jardim Botanico da Escola Politecnica.

Uma exposição de *dhalias-cactus* pacientemente cultivadas durante 13 annos, com escrupulosa seleção e fecundação artificial, para obter interessantissimas variedades, e mais do que isso, transformar a classica dhalia de nossos avós em uma nova especie de crisantemos dé moderna cultura, em Portugal.

E que lindos exemplares se observam nesta mimosa exposição de mais de mil flôres, de lindo colorido e fórmas ainda não vistas, todas com seus nomes onde vemos o de Madame Henri Cayeux, D. Maria Tereza Lopes, D. Laura Arbues Moreira, Iceberg, Stella, D. Alice Lobo, D. Clara Stredwick, Condessa da Ribeira, Viscondessa de Monserrate e quantas mais damas da nossa primeira sociedade que professam o culto da flora que tão bem lhes fica.

Esta exposição mostra que em alguma coisa boa se vae progredindo, para nos consolar de tanta coisa má que espiga por ahi.

Ao fechar esta chronica sou agradavelmente surpreendido por um artigo editoral do *Seculo* tratando da agua em Lisboa, e em que se alvitra o serviço das regas das ruas poder ser feito com agua do mar, coisa que eu indiquei na minha chronica do dia 10, muito singelamente aos homens bons do municipio.

Vejo que esta indicação tão natural, se não encontrou éco nos Paços do Concelho, está encontrando apoio na imprensa diaria, e agora se me depara á mão o *Diario Popular* e o *Portugal* que tambem reconhecem que a agua do mar é excelente para o efeito, bem como para todas as limpesas publicas da cidade.

Eureka podiam exclamar todos, se o Tejo prodigo não banhasse desde tempos immemoriaveis esta praia occidental, em que tanto alfacinha nem sequer lava os pés.

CAETANO ALBERTO.

Centenario da Guerra Peninsular

Bloqueio continental

O ministro inglez Pitt, animando em 1805, uma nova colligação das potencias contra a França, robusteceu na sua patria o espirito de irreconciliação com Bonaparte em que se manteve até vêr cahida nos campos de Waterloo, em 18 de junho de 1815, a pesada corôa imperial do grande vencido.

Antes de Waterloo, porém, amanheceram para Napoleão os dias inolvidaveis de Austerlitz, de Iena e de Friedland.

Tantos triumphos estupendos, acabando de encher a taça dos prazeres grandiosos ao distincto filho de Ajaccio, na Corsega, produziram os ultimos effeitos da embriaguez voluptuosa e incenderam-lhe no cerebro o proposito de arruinar de vez a Inglaterra, fazendo-lhe fechar os portos do continente europeu a todas as suas embarcações e mercadorias.

Doia certamente ao imperador a derrota da esquadra franceza nas aguas de Trafalgar, onde Nelson cumulou com o maximo realce e tambem com a morte de bravo a sua justa fama gloriosissima.

Azuni, no *Droit Maritime de l'Europe*, edição do indelevel anno de 1805, escreve, alludindo a similhante medida politica, tentada pelo insigne cabo de guerra côrso:

«Puisse l'immortel Bonaparte, qui a provoqué ce système par tant de victoires éclatantes, parvenir promptement à détruire ce prétendu empire des meroqui n'est que l'effet de l'orgueil, et qui deshonore une nation d'ailleurs philosophe, éclairée, généreuse.»

Que a Inglaterra era inimiga muito para recear já o notára o illustre Hoche, em termos a que se reporta Michelet, n'estas linhas:

«Il voyait, ilo disait, avec le ferme bon sens, la netteté d'esprit qui caractérise les enfants de Paris, que les guerres du continent étaient secondaires, qu'il fallait chercher la guerre à sa source, en Angleterre, au trésor qui soldait les armées du continent.»

Felizmente, para a liberdade dos povos occorreram circumstancias taes que, tendo falhado o plano de Hoche e tendo perdido Bonaparte as opportunidades psychologicas de realisar com probabilidade de exito prospero um desembarque na Inglaterra, a idéa do bloqueio continental não vingou tambem na pratica; e foi ella que, trasendo á Peninsula as tropas britanicas, o obrigou, mais tarde, a fazer alto com um epitapheo tremendo.

Russell escreveu com rigor de escrupulosa verdade que, a França, deslumbrada por tropheus militares e por tratados vantajosos, entregou-se a um soberano que abusou do genio e da força, procurando tornar-se o despota do continente da Europa.

O mesmo auctor acrescenta ainda:

«O ministerio Whig de 1806 reconheceu que era impossivel fazer a paz com elle; e, excepto um pequeno numero de individuos, todos os partidos na Inglaterra se congregaram, unanimes, na affirmativa da justiça e necessidade de prolongar a guerra.»

Canning, citado por Walton na primeira das suas cartas ao conde Grey, dizia em novembro de 1813:

«As victorias da Allemanha devem ser attribuidas aos nossos triunfos na Peninsula. Aquella scintila, aquella faisca, que por tantas vezes esteve proxima a extinguir-se, e que chegou a excitar o desespero em todos os corações, adquirio vigor em Portugal: ahi se alimentou, ahi se nutrio e tornou brilhante vindo por fim a ser um grande fóco de luz que esclareceo a Europa. Os Portuguezes estão agora diante dos muros de Bayona, que encorrálão aquelles Lobos que tinhão devastado a sua Patria, e que pretendião pôr um termo á obra da sua escravidão: os Portuguezes investem agora as torres de Bayona, onde flutua o Estandarte que seus inimigos querião arvorar sobre os muros de Lisboa!»

O proprio prisioneiro de Santa Helena, pronunciou no rochedo calvarioso da sua agonia estas palavras serodias:

«Esta desgraçada guerra de Hespanha perdeu Napoleão, dividiu as suas forças, multiplicou os seus esforços, e atacou a sua moralidade: foi uma verdadeira ferida, causa primeira das desgraças da França.»

Na sânha de isolar a Inglaterra das suas relações commerciaes e economicas, estreitamente mantidas com os paizes do continente europeu, apenas logrou interdizer-lhe o accesso aos portos da Hollanda, Allemanha do Norte e Prussia!

Podemos asseverar que o eclipse da sua estrella teve principio, quando se lembrou de exigir de Portugal que o acompanhasse na politica de fechar os portos aos inglezes.

Foi então que recorreu ao expediente escuro do tratado de Fontainebleau, divisionario de Portugal em tres Estados, facto a que alludi mais ou menos ao occupar-me de Junot.

Em fumo se desfez o Bloqueio continental, como em fumo se desfizeram todas as utopias do ambiciosissimo sonhador que, posteriormente a Waterloo, e antes de se confiar ao commandante Maitland, a bordo do *Bellerophon*, dirigiu ao principe regente de Inglaterra a carta assim concebida:

«Alteza real. Preza das facções que dividem o meu paiz e da inimisade das nações do imperio findei minha carreira politica. Venho, qual outro novo Themistocles, demandar o asylo do povo britanico; busco a protecção das suas leis, que reclamo de V. A. R., como o mais poderoso, o mais constante e o mais generoso de meus inimigos.»

Em 15 de julho de 1815, embarcou n'aquelle navio de onde, após uma permanencia a seu bordo, no fundeadoiro de Plymouth, passou para a *Northumberland*, do cammando de Çockburn,

que o conduziu á ilha descoberta por João da Nova, reinando entre nós o primo e successor d'O Principe Perfeito' aquelle de quem uma rainha famosa, noticiando-lhe o passamento, se exprimia d'este modo notavel e muito segnificativo: «Morreu o homem.»

Finalmente, em Santa Helena, aos 5 de maio de 1821, deixou de figurar no ról dos vivos o primeiro entre os capitães celebres da nossa idade, e, é força confessal-o, a dureza do seu captiveiro, nada mitigado pela aspera indole do governador e carcereiro Hudson-Lowe, provoca não só o geral perdão de muitos dos seus actos condemnaveis, mas tambem uma sentida lagrima de piedade christan.

Diz a escriptora Alexandrina Aragon, a proposito do martyrisante espectaculo com que se finou o soldado Ajaccio:

«O heroe da historia moderna, o vencedor e o captivo dos reis teve por mortalha a capa azul de Marengo! O odio de Inglaterra expirou com a sua victima, e o respeito religioso de — um estado maior britanico — veio unir-se ás lagrimas de alguns amigos fieis, unica consolação que a fortuna lhe deixou no meio do seu naufragio. Ali, ao pé de um rochedo, no valle romantico de Geranium, por entre o qual passa um limpido regato, descança Napoleão!»

Descançou: actualmente, acham se na capital da França os restos preciosos do que foi seu idolo militar.

Occorre-me para fêcho, a palavra de Massillon, nas exequias de Luiz XIV:

«Só Deus é grande!»

D. Francisco de Noronha

PEREGRINAÇÕES

(1868 a 1908)

Versos de Candido de Figueiredo

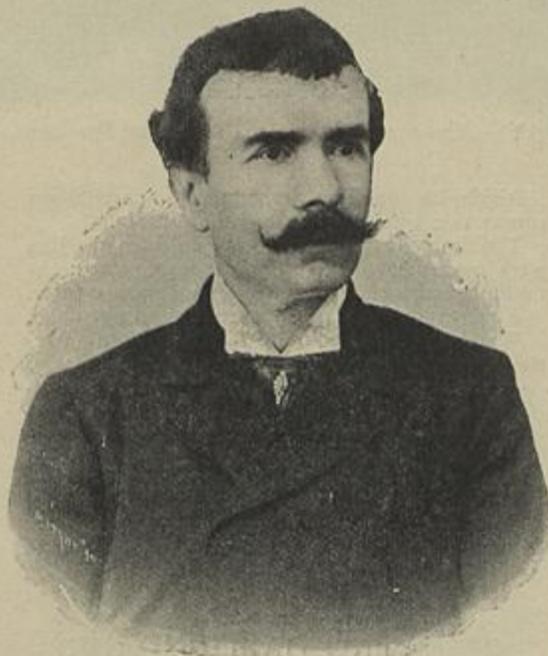
Ha quanto tempo eu recebi das proprias mãos do autor este livro, que avaramente guardei para o lêr socegado na primeira hora que podesse furtar ás obrigações que me absorvem o tempo.

A muita consideração que tenho por Candido de Figueiredo, cada vez maior á medida que vae envelhecendo a amisade que de longe vem, não me permitia vir aqui dar noticia do seu novo livro *Peregrinações*, sem o lêr; não para lhe fazer a critica, se para isso tivesse competencia, porque ella de ha muito está feita pelos mestres, como Castilho, Herculano, Camillo, Mendes Leal, Antero, Teofilo Braga, etc., e lá por fóra Wilhelm Storck, Ruscala, Canini, etc., quando pela primeira vez foram publicados os versos agora reunidos em volume, mas para satisfação intima de um dever cumprido, pois quem oferece um livro não é só para se guardar na estante, sem lhe passar a vista, e apenas por delicadesa o agradecer. A muitos assim acontesse, confesso o, por falta de tempo, é verdade, mas para um livro de Candido de Figueiredo, forçoso era arranjar um bocadinho, e esse bocadinho é que custou a chegar, com grande pesar meu, porque a leitura das *Peregrinações* me deu horas de prazer como só um bom livro as proporciona e de que tanto andei arredado.

Não o digo por lisonja ao autor, que tal pécha não tenho, mas porque assim o sinto e a verdade é uma.

Peregrinações é o titulo que Candido de Figueiredo deu ao seu novo livro, e chamou-o assim porque elle encerra toda a sua obra poetica que veio a lavrar pelos annos fóra, e agora, modestamente, julgando ter chegado ao termo, apesar das musas não o desampararem, a escolheu e reuniu em volume como um legado que deixa a seus filhos e a seus amigos a «quem mais não tem que deixar», conforme suas proprias palavras.

Pois é um tesouro poetico de estro e de perfeições de arte, que ficará na poesia portuguêsa ao lado dos seus primeiros poetas.

Em oito jornadas dividiu o autor as suas *Peregrinações*, como outras tantas epocas e fases da sua carreira literaria. *Quadros cambiantes*, são a primeira jornada e os primeiros versos tambem, da verde mocidade que deslisa entre os 16 e 20 annos. Estes versos mereceram a critica favoravel de Castilho, Alves Martins, o bom, e aparente rude bispo de Vizeu, de Mendes Leal e de Camillo Castello Branco; segunda jornada, *Tasso*, extractos dêste poema dramatico em sete cantos, sobre o qual se pronunciou a critica de Antero de Quental, de Teófilo Braga, de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho e de Michelet; a terceira jornada é um extracto de versos da adolescencia, como lhe chama o autor, e foram publicados em 1871, em brinde do *Diario de Noticias* aos seus leitores, sob o titulo *Parietarias*, de que Pinheiro Chagas fez a critica; quarta jornada *O poema da Miseria* extractos deste poema que sofreu os reparos da critica, não pela sua impecavel fórma literaria, mas pela sua ideia pronunciadamente democratica, que não deixou de incutir receios ao esclarecido espirito, aliás liberal, de Alexandre Herculano, ao ocupar se deste poema; quinta jornada, *Nictagineas*, extractos do livro publicado em 1883, cujos versos marcam a triste quadra da vida do autor, em que uma terrivel doença o privou da vista durante longo periodo; sexta jornada, *O livro de Job* (extractos) de que se ocuparam os criticos, entre elles, Bulhão Pato e Trindade Coelho; setima jornada, *Crisantemos*, extrato deste livro, dos mais recentes publicados pelo autor; jornada oitava e ultima, *Esparsas*, sobre que deram seu juizo Camillo Castello Branco e Antonio José Viale.

Candido de Figueiredo

Dada assim noticia do livro *Peregrinações*, resta agradecer a Candido de Figueiredo a «lembrança amiga» com que me ofereceu o seu volume e ainda o formoso soneto com que, emerecidamente, me contemplou no seu legado, da ultima jornada, tanto mais generoso, quanto o contemplado nada tem para o retribuir.

Caetano Alberto.

De Lisboa a Bordeaux e Pyreneus

(apontamentos de carteira)

(Concluido do numero 1072)

De Biarritz seguimos a Pau, considerada a perola dos Baixos Pyreneus. A' medida que o caminho de ferro se approxima, as montanhas vão desenhando o horisonte com o cimo coberto de neve sob o azul do ceu; os castellos apparecem, um riacho saltita, brincando com as pedras, depois desapparece e voltam os montes. Chega-se á estação; encaminhamo-nos para o trem do nosso hotel, ahi dão-nos um quarto que deita para o *Boulevard des Pyreneés* cujo panorama unico é cheio de encantos. Impossivel descrever o esplendor e poesia d'essas montanhas, por todos os lados verdura; de dois mil metros para cima, a verdura cede o logar ao branco manto da neve. As torrentes, os rochedos, as florestas, tudo prende e não cessa de nos extasiar.

Lindos trechos convidam a excursões. O Gave cujas aguas correm, ora meigas, ora apressadas, prolonga-se indefinidamente; o aspecto solemne d'estas grandes bellezas fazem-nos esquecer o tempo e delicia-nos os sentidos. O paisagista sente-se feliz e o amador d'antiguidades tambem, pois o castello de Henrique IV constitue uma das grandes curiosidades.

Como sabem, Pau foi a capital do Bearn e patria do rei Bearnez. O castello onde elle nasceu está admiravelmente conservado, destacam-se bellos detalhes architectonicos e importantes collecções de moveis que parecem acabados de sahir de uma officina, tal é o estado de boa conservação. No quarto de Joanna d'Albret, mãe de Henrique IV, vêem-se riquissimos moveis. Grande quantidade de preciosas tapeçarias de Flandres e Gobelins.

As ruas e praças de maior importancia são: *Place Henri IV*, onde está a sua estatua com uma inscripção em bearnez, *Lou Nouste Henric*, *Place Gassion*, *Rue de la Prefecture*; a mais importante, *Rue Sully*, *Place Gramon*, etc., etc.

Ha ainda um vasto e bem cuidado jardim, o *Palmarium*, que a municipalidade mandou construir; tem dois bellos terraços envidraçados e optimas salas de jogo e dança no fim das quaes ha um magnifico theatro. Os concertos e representações são muito concorridos.

O museu tem algumas telas e esculpturas de valor.

Duas bonitas egrejas, a de St. Martin edificio em estylo gothico, e a de St. Jacques.

Possue tambem uma vastissima caserna.

E' muito caracteristico o que as mulheres usam para trazer a agua a *Herrade*; é uma especie de celha alta com duas azas, tudo em madeira com duas virolas de ferro. As mais abastadas possuem-nas de cobre com desenhos batidos.

Os amadores de *sport* têm muitas diversões. Joga-se o tennis, cricket e o golf, caçadas ás rapozas trez vezes por semana e jogo do polo a cavallo. No inverno, excursões na montanha e corridas de *skis* promovidas pelo Club Alpino.

Aconselhamos a quem passear de manhã e á noite que se agasalhe bem; durante o dia a temperatura é muito suave.

Quantas vezes, ao admirar este feerico scenario tão bem acompanhado pela obra do homem, pensamos na nossa Cintra que tambem encerra grandes bellezas naturaes, infelizmente despresada pela mão do homem. Em Pau a cada passo, edificações de bom gosto, em Cintra chalets com pretensões, que não passam de chalaças!

De Pau fomos a Nay, onde quasi nenhum estrangeiro vae, no que, lhes asseguro, fazem muito mal. Pelo caminho, acompanhava-nos sempre o bello Gave, ora mansinho e estreito, ora impetuoso e largo, e sempre a fresca verdura atapetando as montanhas. Chegámos, a uma terça feira, dia de mercado. Toda a gente se achava na praça principal, atarefada, fornecendo-se do que precisavam. Uma alegria tranquilla por todos os lados; as velhinhas com os seus bonésinhos de seda preta, lembravam certos quadros campestres. Fomos ao Café Garrigue, situado no ponto principal, e ahi presenceámos a satisfação d'essa feliz gente!

Encaminhámo nos depois para o Hotel de Ville, bonito edificio.

Visitámos a egreja de St. Vincent, que é muito curiosa e dizem ser uma das mais antigas dos Pyreneos.

Na *Place Marcadieux*, onde passa o Gave, vimos bonitas vaquinhas brancas que além de darem excellente leite, os camponios aproveitam para pucharem os carros. Notámos o grande carinho que ha pelos animaes, todos com os seus cobertores muito bem pregados afim de os preservar dos rigores do frio.

Uma das coisas que maior importancia dá á terra, são as grandes fabricas de boinas e varios artigos d'aquella preciosa lã dos Pyreneos que todos conhecem, muito quente e ao mesmo tempo muito leve; encontram-se aqui n'esse genero coisas baratissimas.

Por ultimo, fomos a um grande hospicio construido por um padre em parte de uma propriedade que em tempo pertenceu á familia Lombré. Tambem se deve visitar a casa de Joanne d'Albret.

A paisagem aqui é risonha e tem ao mesmo tempo um tanto de selvagem e de elegante; pequenos bosques, mil coisas pittorescas que a cada passo nos encantam.

Para complemento da nossa excursão não podiamos deixar de ir a Lourdes (Altos Pyreneus).

Fomos recebidos com uma tremendissima carga de agua e uma temperatura boreal, tanto que a todo o momento esperavamos encontrar vestigios de algum mallogrado explorador arctico.

Lourdes, antigamente, nada mais tinha que meia duzia de casebres. A partir de 1858, em seguida ás revelações de Bernadette Soubirous

affirmando que a Virgem lhe appareceu 18 vezes e lhe ordenou que bebesse a agua da fonte e mandasse edificar uma capella no sitio da apparição, é que começou a tornar-se celebre e concorrida, tanto mais que a agua da gruta tem operado milhares de curas para as quaes a sciencia se julgou impotente. Todos os annos, aqui veem fazer as suas devoções varias caravanas de peregrinos. O movimento annual é de 800:000 viajantes.

Da *gare* dirigimonos para o *boulevard* das grutas onde todas as casas têm um ar monacal. A cada passo lojas de reliquias e objectos religiosos, medalhas, estatuas, velas de cera desde 50 centimos até 60 francos, latas para transporte de agua, etc.

Quasi todas as casas têm o nome dos Soubirons: umas pertencem ao irmão de Bernadette, outras ao tio e até ha um hotel de um seu parente.

Entrámos na Basilica, em estylo gothico, onde é extraordinaria a quantidade de promessas que cravejam as altas paredes de cima a baixo, acompanhadas de agradecimentos que commovem! Quantas lagrimas ellas representam!

Segue se por uma larga escada circular que dá acesso á egreja do Rosario, em estylo bysantino, construida vinte metros abaixo da Basilica.

Por fim vae-se á gruta onde se deu a apparição; n'esse mesmo sitio foi collocada uma Virgem em madeira, onde constantemente ardem vellas de cera; por cima e ao lado da gruta veem se immensas muletas penduradas.

A toda a hora, ha gente a rezar; em parte nenhuma, nem mesmo em Hespanha, a fé catholica é mais ferverosa; sem cessar, mulheres e homens meditam e rezam em todos os cantos, outros vão beber a agua milagrosa e lavam se n'ella. Nada os distrahe! O velludo e a seda encontram-se misturados com a humilde chita! Que devoção! Ha quem ria d'esta fé! Sabem bem o animo que esta imagem deu ás almas doentes e tristes? Quantos allivios e consolações representa? Digam-me se ha no mundo melhor balsamo para a dôr d'alma do que a esperança e a fé?

De Lisboa a Bordeaux, Pyreneus e Lourdes

NAY — A praça da Republica em dia de Mercado

Ainda ha, em Lourdes, um velho castello em ruinas mas que pouco interesse desperta.

Tentámos fazer a ascenção do Pico do Jers para gosarmos o magnifico panorama das montanhas, mas o mau tempo impediu-nos de o fazer.

Aqui finalisou a nossa encantadora excursão.

Tomámos o comboio até Bayonna d'onde partimos tendo por companheiro um francez, typo de caixeiro viajante, ora espirituoso ora massador, grande conversador e que não perdia occasião de mentir e contar fanfarronadas! Emfim, ajudou-nos a passar o tempo e chegámos a Lisboa cheios das mais agradaveis recordações.

Outubro de 1907.

Jom.

THEATRO DA TRINDADE

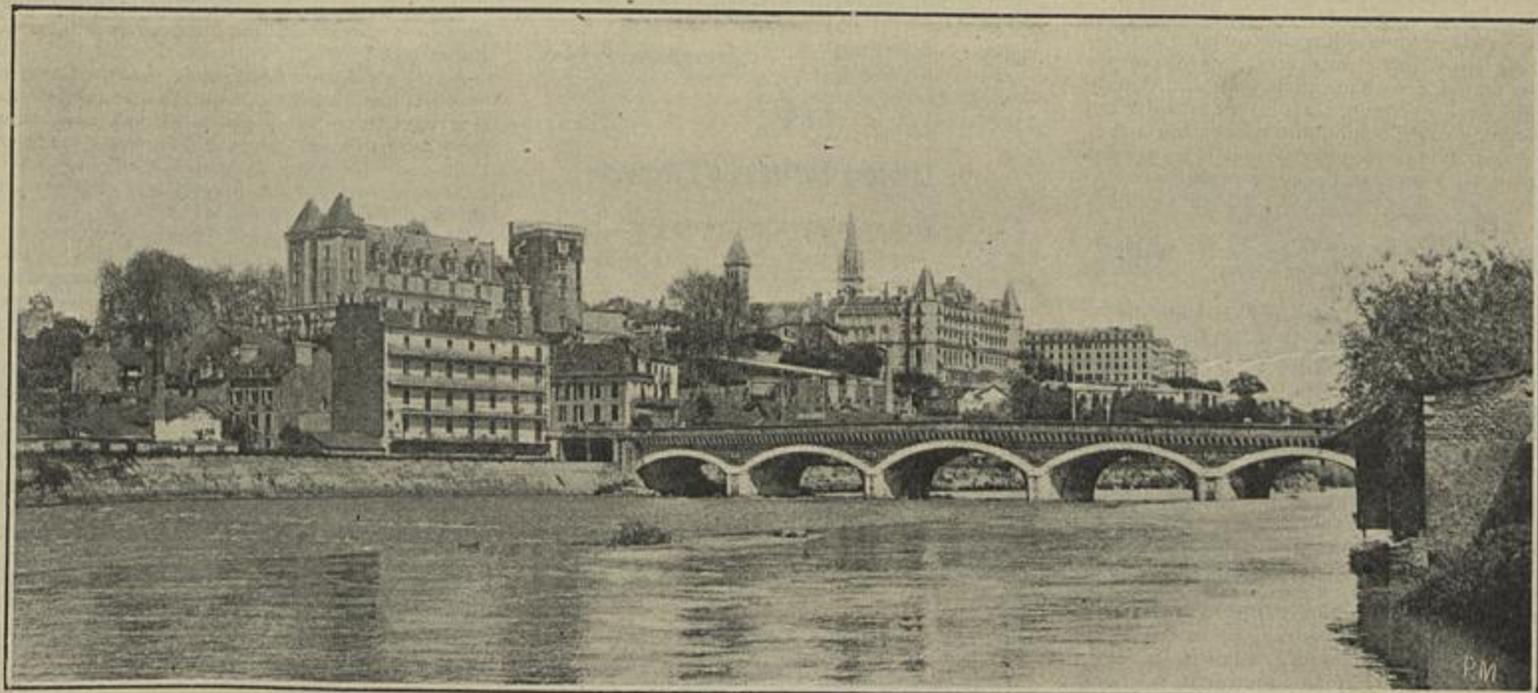
Opera Nacional

O theatro da Trindade, o lindo templo d'arte que o grande Francisco Palha instituiu ha quarenta annos, tem tido noites de festa brilhantissimas e para o affirmar basta saber que a sua gerencia esteve por muitos annos confiada áquelle fino espirito a quem a scena portugueza tanto deve; e tambem recordar-se a gente que por ali transitaram vultos notaveis como Delphina do Espirito Santo, Emilia Adelaide, Rosa Damasceno, Virginia, Esther de Carvalho, Anna Pereira, Florinda, Tasso, Isidoro, Ribeiro, Joaquim d'Almeida, Eduardo Brazão, Leoni, etc. Mas nunca por certo ali houve uma noite como a de 15 do corrente, que se tornasse immorredoura debaixo do duplo ponto de vista artistico e patriotico.

A primeira audição da deliciosa partitura de Rossini, *Barbeiro de Sevilha*, com letra portugueza e desempenhada exclusivamente por artistas portuguezes, marcou uma nova phase no nosso theatro. E é com alegria que o dizemos, visto o pobre filho de Gil Vicente andar tão depauperado desnacionalisando-se cada vez mais e tornando-se tão assustadoramente anti-artistico pelo rareamento de peças e de artistas de merito.

Era, sem exagero, uma manifesta vergonha para um paiz, como o nosso, que se deseja enfileirar com as nações mais cultas do mundo, não possuir, como ellas, um theatro onde se exhibisse opera puramente nacional.

Assim o fez sentir outro dia, o notavel professor de musica Ernesto Vieira, n'uma bem elaborada allocução, relatando que ha mais de duzentos annos que a opera nacional foi implantada na França e na Allemanha; que a Russia, que alcunhamos de retrograda, a tem desde 1836, e que até na Finlandia, que conta pouco mais de dois milhões de habitantes, tambem foram inaugurados semelhantes espectaculos.

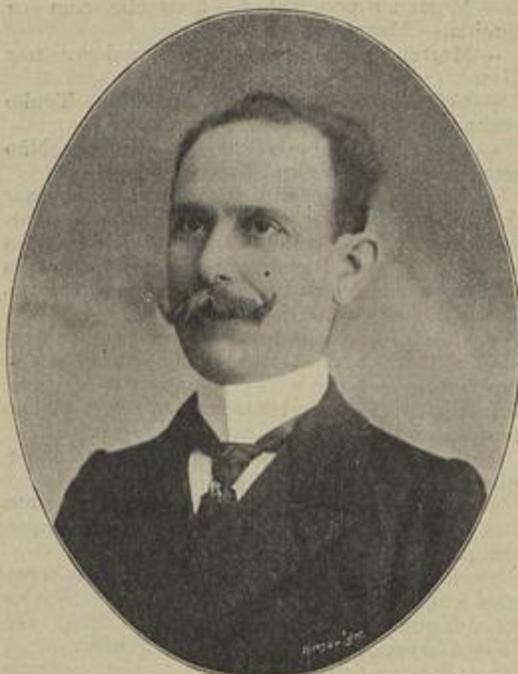
O que é preciso notar, porém, é que n'esses paizes os governos ou outras quaesquer collectividades officiaes auxiliam tão patrioticos commettimentos e que em Portugal os poderes publicos não só não subvencionam theatros, como até ainda auferem renda dos dois edificios d'aquella natureza que pertencem ao Estado, demonstrando assim o seu profundo desprezo pela arte musical

PAU — Ponte sobre o rio Gave e Castelo de Henrique IV

(De fotografias)

Teatro da Trindade — Opera Nacional

ISABEL FRAGOSO
Soprano ligeiro

DELFINA VICTOR
Contralto

MAURICIO BENSAUDE
Baritono

LUIS FILGUEIRAS
Maestro regente da orquestra

JULIO CAMARA
Tenor

AFFONSO TAVEIRA
Empresario

e pela de representar, embora saibam que uma e outra muito concorrem para a civilisação dos povos.

Isto sem falar na falta de patriotismo, que revelam, procedendo de fórma tão deprimente.

Foi n'estas circumstancias que surgiu o arrojado e intelligente emprezario Affonso dos Reis Taveira, que, rodeando-se d'um escolhido nucleo de artistas de merecimento, teve a rasgada iniciativa de supprir tão grande e desconsoladora lacuna, dando assim magnifico testemunho do seu altruismo profissional.

Com a modestia e desassombro que lhe são peculiares, Taveira dizia em carta á imprensa: — «Se quasi todos os paizes da Europa teem o seu theatro d'opera nacional, porque não havemos de ter tambem o nosso, embora só com o auxilio do publico, da nossa boa vontade, dedicação e patriotismo? Elementos não faltarão, se os procurarmos e educarmos como se faz lá fóra.»

E metteu resolutamente mãos á obra, sendo logo animado e elogiado por grande numero de homens de valor artistico e amigos do seu paiz, que, honra lhes seja, o procuraram, felicitando-o pela sympathica obra que ia emprehender.

A imprensa, cumprindo a sua alta missão, unanimemente saudou tão alevantada idéa.

Eduardo Schwalbach, illustre inspector do Conservatorio; Augusto Machado, festejado auctor das operas *Laureana* e *Dorias;* Julio Neuparth, notavel critico e outros abalisados peritos, vieram tambem publicamente enaltecer a grandiosa tentativa, chegando até Agostinho Franco, distincto chronista musical do *Seculo*, a dirigir um appello para que seja cantada em portuguez a *Serrana*, de Alfredo Keil, para se poderem ouvir os primorosos versos de Lopes de Mendonça.

Restava o publico, o supremo juiz, e esse coroou brilhantemente o trabalho de Affonso Taveira, proporcionando-lhe uma das maiores ovações que se teem feito e enchendo a sala do theatro desde a primeira recita.

* * *

A interpretação do *Barbeiro de Sevilha* está a cargo do barytono Mauricio Bensaude, que cantou e representou a parte de protagonista primorosamente; do soprano Isabel Fragoso, que na Rosina muito se distinguiu, sendo festejadissima; do tenor Julio Camara, que, apesar de não ter o tirocinio dos seus collegas, se houve com criterio no difficil papel de *Alma-viva;* do baixo Gabriel Prata, artista modesto, que foi um *D. Basilio* excellente, revelando-se cantor consciencioso; e de Correia e Maria Santos muito bem, respectivamente no *D. Bartholo* e na *D. Bertha.*

A partitura acha se bellamente ensaiada, sendo os córos e a orchestra impeccaveis, o que viriam authenticar os creditos do insigne maestro Luiz Filgueiras, se elles não estivessem de ha muito reconhecidos e devidamente apreciados.

Acacio Antunes

E seria uma flagrante injustiça se esquecessemos o nome do traductor, o nosso querido amigo Acacio Antunes, que se torna credor das mais elogiosas referencias pela correcção como fez desferir o poema da lingua de Dante para a de Camões, e pela leveza e graciosidade dos versos que combinam perfeitamente com a celebre partitura, não se percebendo a menor dissonancia.

O Occidente, como revista d'arte que é, regosija-se sobre maneira por ver emfim implantada em Lisboa a opera nacional e presta homenagem a Affonso Taveira e aos seus principaes auxiliadores inserindo os respectivos retratos, entre os quaes o da graciosa actriz-cantora Delphina Victor, que certamente se evidenciará na *Carmen*, como já succedeu com a *Bohemia*.

Pedro Pinto.

Amor por suggestão

Traducção do original inglez

DE

OUIDA

XI

(Continuado do n.º 1072)

A' sahida, dois ou tres homens os acompanharam á escada de embarque. A noite estava ainda quente, Adrianis tremeu um pouco, quando deitou o sobretudo por cima de si. — Podia trazer as minhas pelles — disse elle, ao descer as escadas. Damer lançou-lhe os olhos ao luar, que estava tão claro como a luz da alvorada.

— Não devieis mergulhar na agua immunda e abraçar pequenos mendigos doentes — disse elle, friamente, quando acompanhava um dos cavalheiros venezianos, cujo palacio ficava proximo dos Fondamente, e lhe offerecera um logar na sua gondola.

Adrianis, recusando o convite dos seus companheiros para ir cear com elles no Florian, foi para os seus aposentos no hotel. Tinha no coração uma inundação de felicidade, mas no corpo sentia febre e frio.

— E' a agua immunda. Entrou-me na garganta, quando mergulhei — pensou elle, recordando as palavras do seu amigo. — Vamos a vêr se este resfriamento me passa com o somno, e se estarei outra vez bem amanhã.

Mas não dormiu; tomou ávidamente algumas bebidas geladas, e apenas cahiu n'uma somnolencia perturbada e pesada, quando a manhã coloriu de encarnado os tectos de Veneza, e a pequena peça da Giudecca saúdou um novo dia.

Sentiu-se mal, quando se levantou, mas tomou banho e vestiu-se, e, embora não tivesse appetite para almoçar, desceu para entrar na gondola, que mandara estar defronte do hotel ás nove horas.

Quando se separara de Veronica, tinha combinado com ella irem ambos áquella hora vêr a creancinha da ponte do Paraiso.

No momento em que ia embarcar, Damer tocou lhe no braço.

— Ides buscar a condessa Zaranegra para vêr o pequeno doente?

— Vou — disse Adrianis, com accento altivo, não gostando do tom auctoritario com que o outro se lhe dirigiu.

— Pois então, prohibo vos de lá ir — disse Damer. — Ella só veria um corpo morto, e esse corpo inficcionado pela doença.

Adrianis ficou consternado.

— Morreu o pequenito? — disse elle, com voz sumida. — Morreu já?

— Morreu ha vinte minutos. Esteve doente tres dias.

— Coitadinho! — murmurou Adrianis. — Tenho muita pena. Hei de procurar a mãe.

— Melhor fareis em vos recolher á cama. Não estaes bem. Fizestes uma loucura hontem.

— Estou perfeitamente bem. Quando precisar dos vossos conselhos, os pedirei — disse Adrianis com impaciencia; e saltou na gondola e foi para a Ca'Zaranegra. Damer, de pé nos degraus da escada, seguiu-o com um olhar que o teria morto, se um olhar pudesse dar a morte.

Com a radiação da manhã brilhava a residencia de ella, as aguas verdes que saltavam nos seus marmores, os lyrios e as palmas frescas do orvalho da noite; e as portas deixavam vêr as acacias floridas no jardim, que ficava por detraz.

Veiu ella recebel-o em um dos salões mais pequenos.

— Estou prompta — disse ella, muito contente. — Olhae! Arranjei estes fructos e estes brinquedos para o vosso pequeno desgraçado.

Qualquer cousa na expressão de elle lhe reprimiu a alegria.

— O que é? — perguntou ella.

— A creança morreu — disse Adrianis.

— Oh! que pena!

E arrumou n'uma mesa proximo de ella os pequenos presentes que havia arranjado; tinha o coração sensivel e commovia se rapidamente; arrazaram se-lhe os olhos de lagrimas pelo pequeno que ella nunca vira.

Adrianis aproximou-se de ella.

— Mia cara — murmurou. — Não brinque commigo por mais tempo. A morte está sempre tão perto de nós. Tenho lhe dito mil vezes que a amo. Hei de fazel-a muito feliz, se confiar em mim. Diga me... diga-me...

Abrandou-a a commoção, venceu a a paixão correspondida que ella tinha; não falou, mas o seio arfou lhe, os labios tremeram, e ella deixou-lhe pegar nas mãos.

— Serás minha — minha — minha! exclamou elle com alegria delirante.

— Amo-te — respondeu ella, em voz tão baixa que parecia o suave ciciar da brisa do verão sobre lyrios. — Schiu! Deixa-me. Vae-te agora e volta ás tres horas. Estarei só.

As portas e as janellas estavam abertas; n'uma camara mais affastada dois creados de farda aguardavam de pé, e, approximando se pela antecamara, vinha o mordomo do palacio.

Adrianis levou aos labios as mãos de ella, e sahiu. Estava desvairado de extasis, ou assim lhe pareceu, porque os bustos e as estatuas do salão abanavam e tremiam deante de seus olhos, e sentia os membros tão enfraquecidos e quebrados que, se um dos seus gondoleiros o não agarrasse e segurasse, teria rolado pelos degraus da escada de embarque.

(Continúa).

Alberto Telles.

A Tuna Comercial de Lisboa

As classes sociaes que se destinguem pelo seu trabalho constante e util vão conquistando dia a dia os fôros que lhes pertencem nas sociedades cultas, afirmando assim a sua força e vitalidade.

Uma destas classes é a dos caixeiros de comercio, que ainda hontem estava entregue a uma escravidão tolerada, mas que pouco a pouco se tem ido emancipando e compartilhando das regalias que favoressem outras classes trabalhadoras, não mais dignas do que esta.

A aspiração dos caixeiros de terem um dia de descanço em cada semana, que de ha annos esta classe esperava vêr realisada, tornou-se, emfim, um facto, em lei do Estado. Para isso não influio pouco o grande principio associativo que dá força ás classes, e a que esta se foi socorrendo, como lhe o permitia os seus recursos e minguado tempo livre, quasi sempre furtado ás horas de repouso.

A nova séde da Tuna Comercial na rua da Gloria

Assim se instituio o Atheneu Comercial, a Associação dos Caixeiros e por ultimo a Tuna Comercial, fundada em 13 de outubro de 1903, numa acanhada casa a Mouraria; mas a boa vontade, o querer, que é poder, foi animando a tentativa e dentro em pouco tempo aparecia a Tuna, formada por um grupo de rapazes que, cheios de entusiasmo se foram aplicando ao estudo de instrumentos de corda e se apresentaram ao publico que os aplaudio e louvou pela simpatica iniciativa.

E' cinco annos depois, que este grupo se instala em casa apropriada, mandada construir expressamente para esse fim pelo sr. Feliciano da Silva Lopes, socio e grande protector da Tuna Comercial.

A inauguração da nova sede da Tuna realisou-se no dia 11 do corrente, e constituiu uma festa altamente simpatica, realisando uma sessão solemne, presidida pelo sr. Pinheiro de Mello e em que discursaram varios oradores inscritos.

A' noite houve sarau dramatico em que tomaram parte os actores Brazão, Henrique Alves, Setta da Silva e o conhecido e festejado amador Franco de Almeida, havendo concerto pela Tuna, e acabando por baile até á madrugada.

O novo edificio, delineado pelo arquiteto sr. Jorge Pereira Leite e construido sob a direção do mestre de obras sr. Eduardo da Silva, consta de tres pavimentos, sendo ocupados pela Tuna o 1.º e 2.º andar.

No primeiro andar estão instalados os gabinetes da direção, sala de bilhar e outros jogos, bibliotheca e gabinete de leitura, bufete e mais dependencias. O segundo andar é todo ocupado pelo salão de espetaculos, que mede 200 metros quadrados, tendo em volta uma galeria sustentada por columnas de ferro. Ao fundo do salão está a caixa do teatro com proscenio e pano de boca, pintado pelo cenografo sr. Eduardo Reis Junior assim como as restantes decorações.

Um jantar de Beethoven

Luis Beethoven, o predestinado compositor, o sublime auctor do *Fidelio*, e de outros celebres primores de harmonia, era um excellente homem, porém excentrico e com aberrações dos grandes talentos, além de que, a surdez que muito o affligia, o tornava sombrio e taciturno.

Eu estava para partir de Vienna.

Ora Vienna, como todos sabem, é a cidade musical por excellencia; até o ar está impregnado de harmonias. Todos os grandes musicos, os grandes cantores, os grandes compositores, teem estado em Vienna.

Eu estava pois para sahir da cidade do Principe de Metternich. Passeava pelas ruas ao acaso, esperando a hora da partida que devia ser ás nove horas da noite.

Passeando ao acaso, vi passar um homem, que attrahiu logo a minha attenção. Parece-me ainda vêl-o.

Espesso e comprido cabello preto, já com bastantes cans, lhe saía em abundancia por baixo do chapeu: dir-se-ia ao ver aquelle hirsuto cabello, em desordem, comprido, desgrenhado, que era a juba de um leão. Debaixo da aba do chapeu, tão maltratado como o cabello, brilhava um olhar penetrante, que casava maravilhosamente com o sorriso sardonico e singularmente espirituoso d'este homem extraordinario.

O desconhecido caminhava com passos muito deseguaes, umas vezes depressa, outras devagar; elle olhava e sorria para um e outro lado, mas os seus olhos eram distrahidos, e o sorriso era forçado: conhecia-se bem que este homem andava fóra do mundo real.

Senti-me commovido e muito interessado por este homem. Desejei saber quem elle seria e segui-o. Entrou em um armazem de musica da rua de Köhlmarkh. Vi que o dono do estabelecimento o recebeu com muita consideração; offereceu lhe logo uma cadeira, porém o desconhecido ficou de pé. Na distancia em que eu estava não podia ouvir a sua voz, mas via-o perfeitamente atravez das vidraças do armazem. Era muito singular o seu modo de conversar. Elle fallava, e o seu interlocutor escrevia. Conclui que o meu incognito era surdo, ainda mais me interessou. De repente tornou-se muito serio, e tomou um ar preoccupado, e approximando-se da porta do armazem, veiu bater com os dedos, imitando o compasso de musica, na vidraça, por onde eu o espreitava. Viu me? Deu por mim? Não sei. Elle continuava a bater o compasso na vidraça, agora de vagar logo com velocidade, outras vezes parava como para procurar uma idéa, mas logo a idéa lhe vinha rapida, perenne, e então os dedos corriam-lhe sobre os vidros, como se fôra em um teclado de piano. Evidentemente este homem era um professor, e estava compondo talvez alguma bella peça de musica. O seu sorriso era menos melancolico, a sua physionomia estava radiante de satisfação. Este pobre homem n'aquelle momento parecia feliz! Ficou assim extatico um bom quarto de hora; depois voltou se e fez um signal ao dono da casa, o qual lhe deu uma penna e papel de musica. Depois vi-o escrever muito depressa: escrevia talvez o que tinha composto batendo com os dedos na vidraça da porta do armazem. Logo que acabou de escrever, entregou o papel sem o ler ao dono do armazem, o qual lhe entregou immediatamente uma peça de ouro. Quasi sem se despedir, o nosso heroe saíu logo, e apenas deu alguns passos na rua tornou ao seu modo melancolico e sarcastico, mas o seu andar era já mais ligeiro. Segui-o; pareceu me querer advinhar que elle se dirigia para alguma taberna, ainda que eu não sou d'aquelles que julgam que a taberna é a consequencia da musica. Com effeito não me enganei. Encaminhou-se presuroso para a estalagem do *Gato guloso*.

Ouvi depois dizer que o bichano da taboleta fôra pintado por Hoffmann, representando o proprio gato Murr, ao qual Hoffmann, assim como á pobre estalagem, deu uma grande celebridade.

Entrei tambem. A taberna não tinha freguezes n'aquella occasião; na chaminé não havia lume; as fornalhas estavam apagadas e a cosinheira esfregava o cobre da cosinha, e areava os pratos de estanho. A occasião não parecia ser muito asada para esperar o ser bem servido; entretanto o nosso heroe, creio que por se achar endinheirado, não desanimou, avançou com toda a sem-ceremonia e pediu á estalajadeira uma dose de vitella assada *Ein Kalbernes*, mas bem quentinha.

— Não tenho cá vitella quente, respondeu gritando a dona do *Gato guloso*. E areava ainda com mais força um tacho de arame.

— N'esse caso, disse o incognito sentando-se, venha a vitella assada, fria.

— Não tenho cá vitella fria, berrou a estalajadeira.

— Co'os demonios! disse o nosso heroe, e levantando-se, retirou-se desconsolado e triste.

Fez me pena: vi-o affastar se cabisbaixo e melancolico. Logo que o perdi de vista, dirigi-me á estalajadeira, e tirando civilmente o meu chapeu fallei-lhe com todo o respeito:

— Minha senhora, poderia dizer-me quem é aquelle homem, qual a sua profissão e onde mora?

A mulher, ouvindo fallar com tanta polidez, parou um instante de arear um prato, e gratificando-me com um sorriso que ella julgava muito amavel, respondeu-me:

— O senhor bem se vê que é muito bem creado!

Aquelle homem é assim uma *especie* de mestre de musica, um grande comilão e bebedo; era amigo de Hoffmann, outro borrachão, que já morreu. Eu conheço tambem a creada d'elle que se chama Martha: elle mora ali em baixo, n'uma casinha á esquerda, defronte do mercado da lã, e parece-me que lhe chamam Beethoven.

Beethoven! Ouvindo este celebre nome senti o meu coração bater fortemente.

O homem a quem lhe negaram um pedaço de vitella era Beethoven, o grande insigne compositor!

Minha senhora, disse eu á estalajadeira, em nome da hospitalidade allemã peço-lhe o grande obsequio de mandar assar immediatamente um pedaço de vitella.

— Nada mais facil, meu senhor, apontando para a porta do forno, em um instante será servido.

A estalajadeira abriu o forno, e um delicioso cheiro de carne assada se espalhou pela vasta cosinha. Ah! quanto agradavel seria este bello aroma ao pobre surdo! Entretanto a estalajadeira collocava geitosamente o assado em uma grande travessa.

— Mas porque, lhe disse eu, não quiz ainda agora dar ao desgraçado Beethoven o pedaço de vitella, que elle lhe pediu?

— Ora, meu senhor, aquelle homem é um gastador, um glotão, que quer comer carne todos os dias, ao menos uma vez, e isto não póde ser. Elle paga-me, é verdade, mas não quero aturar comilões.

Pobre e celebre Beethoven! pobre e grande homem! desgraçado e grande artista! Ambicioso glotão! porque deseja comer um prato quente ou frio, uma vez cada dia!

— Minha senhora, porguntei á estalajadeira, e Beethoven de que vinho gosta mais?

— Ora essa, respondeu sorrindo a maldicente estalajadeira, eu sei cá. Essa gente bebe tudo, em sendo vinho, que lhes importa donde é! Mesmo assim, se elle tivesse uma garrafita do meu vinho velho do Rheno, eu bem sei que não se lhe daria...

— Dê-me então duas garrafas de vinho do Rheno, mas do melhor que tiver.

Para quem era destinado o vinho nem que fosse do superior Johannisberg do principe Metternich.

Paguei á estalajadeira, que ficou muito animada vendo-me sahir com as garrafas, cada uma em sua algibeira, e com o prato do assado erguido á altura do peito. Já mais ufano do que se tivera recebido o grande cordão de uma nobre ordem allemã.

Passados alguns instantes estava ao pé da casa de Beethoven; isolada, afastada das outras, honesta e pobre casa, de um aspecto ao mesmo tempo decente e miseravel.

Bati, e entrei: e na saleta vi uma mesa tosca coberta com uma toalha grosseira, um canario que cantava alegremente na sua gaiola, e em cima de um banco um grande gato que olhava pacientemente para a mesa ainda desguarnecida. Eram a mesa, o canario e o gato de Beethoven.

Colloquei em cima da mesa o prato do assado, e as duas garrafas. A creada, o gato e o canario não estranharam a minha pessoa, sómente aquella me dise:

— O sr. Beethoven chegou muito triste. E está no seu quarto.

E ao mesmo tempo, sem esperar pela minha resposta, ella abriu a porta da camara de seu amo, e eu entrei.

Beethoven estava sentado á janella, e olhava attentamente para fóra. Não percebeu a minha entrada. Já sabia que elle era surdo; em cima de uma mesa vi papel e escrevi: «A mesa está posta; temos vitella assada e vinho do Rheno: vamos jantar.»

Offereci-lhe o escripto; leu o. Oh! como o seu olhar se animou, e o sorriso lhe assomou aos labios!

— Seja bemvindo, me disse Beethoven estendendo-me a mão. Obrigado; o senhor é francez, bem se conhece, vem dar-me o delicado prazer de jantar na sua companhia. E ao mesmo tempo dizia em voz alta para a creada:

— Martha, ponha mais um talher para este senhor.

Depois voltando-se para mim disse:

— Agradeço-lhe muito; fez muito bem de vir vêr-me: eu estava tão triste! Só no campo vivo feliz, a cidade mata-me; ouço sempre um ruido estranho, um susurro continuado; e só não posso ouvir tocar ou cantar o que escrevo, o que componho: não é isto bem digno de dó?

Beethoven conduziu-me com muita polidez para a sua mesa. O jantar passou-se alegremente. Beethoven foi tão jovial e fallou com tanto espirito e prazer, que parecia ter se já esquecido da enfermidade que o affligia. O velho vinho do Rheno tinha animado bastante o meu commensal: e no fim do jantar levantou se bruscamente, e disse-me:

— Eu devo presentea-lo com alguma cousa, que será um canto original, uma melodia qualquer, mas absolutamente nova.

Deixou logo a mesa, aproximou-se da janella, e começou a bater com os dedos da mão direita na vidraça, exactamente como praticára no armazem de musica. Pouco depois passou a escrever a inspiração que concebêra, e entregou-m'a, a qual eu conservo religiosamente, e que é uma das melhores composições d'aquelle grande genio musical.

Despedi me de Beethoven penetrado de admiração e respeito, e lamentando que a Allemanha o tivesse em tão censuravel abandono. Pobre e digno ancião! Passou duas ou trez horas felizes na minha companhia; tocou ao piano algumas peças da sua composição, comeu vitella assada e bebeu vinho do Rheno!

Acompanhou me até á porta, e apertando-me affectuosamente a mão, disse-me, muito commovido:

— Adeus, adeus, boa jornada: o assado estava excellente e o vinho era magnifico; adeus, meu bom amigo.

Trad.

JULES JANIN.

O ramal de caminho de ferro entre Aldegalega e Pinhal Novo

Ainda que lentamente, para a época, que é de aceleração e de movimento nesta luta da vida, a que estamos assistindo, lá se vae estendendo a rede de caminhos de ferro pelo país, aproximando os povos e valorisando os produtos da terra, no mutuo comercio que facilita.

Hoje temos a registar mais uma nova linha ferrea ou ramal, entre Aldegalega e Pinhal Novo, cuja inauguração se realisou no dia 4 do corrente.

A extensão desta linha ou ramal é de pouco mais de 10 kilometros entre as duas estações e, comtudo, ella põe em communicação direta Aldegalega com as provincias do Alemtejo e Algarve, o que vem aumentar a importancia comercial daquella vila com sua espansão para o interior e servida pela via fluvial do Tejo, em cuja margem esquerda assenta.

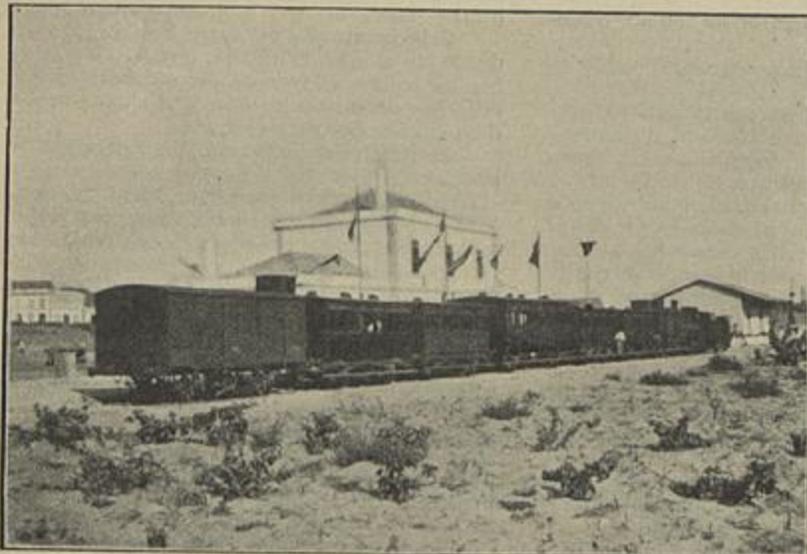
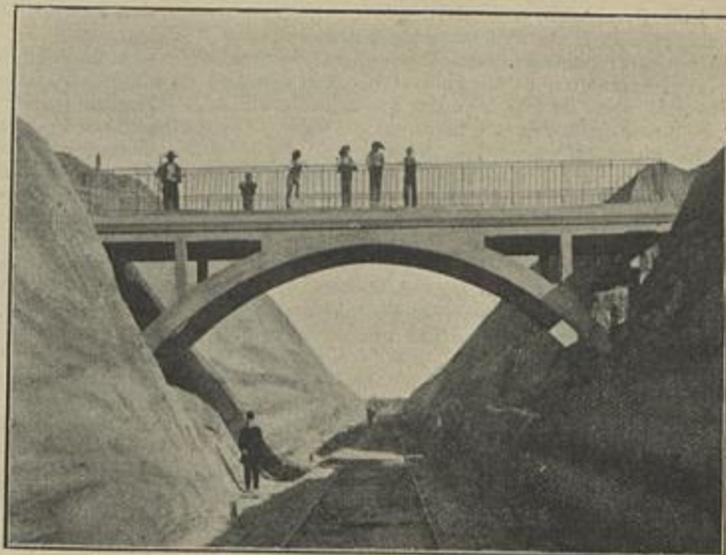
A nova linha tem sua estação ao centro da vila, de modo a poder oportunamente estender um ramal até Alcochete, estando tambem previsto o prolongamento de uma via até ao caes. Esta linha termina muito proximo da estação do Pinhal Novo, tendo um apeadeiro em Sarilhos ao kilometro 7,333.

A sua extensão total é de 10.591^{m},28 com curvas de 300 a 350 metros de raio.

As terraplanagens são pouco importantes, medindo 67.653 metros cubicos de excavações, e 27.462 metros cubicos de aterros.

As obras de arte reduzem-se a 17 aquedutos de 0,4 a 1,2 metro de largura e dois pontões de 2 metros.

Proximo da estação de Aldegalega construiu-se uma passagem superior de cimento armado.

O Ramal do Caminho de Ferro entre Aldegalega e Pinhal Novo

A estação em Aldegalega

Uma das obras de arte do ramal

Os carris são de aço, de 30 kilogrammas de peso por cada 12 metros de comprimento.

Este ramal construido a espensas do municipio de Aldegalega auxiliado tambem pelo governo, concluiu-se em menos de um anno, deixando a perder de vista a construcção das nossas primeiras linhas ferreas como por exemplo, a de Lisboa a Santarem, que levou uns bons doze annos a fazer, o que foi celebrado em revistas e trovas populares.

A inauguração desta linha foi um dia de festa para a laboriosa população de Aldegalega, em que figurou todo o elemento oficial do concelho, com seu cortejo e *lunch* na Casa da Camara, festejos populares, em que não faltou uma tourada, illuminações e musicas.

São estas as verdadeiras festas dos povos que lhe trazem bem estar e riqueza.